**I Conferência**

**O CONCÍLIO VATICANO II**

**E A DIMENSÃO MISSIONÁRIA DA IGREJA**

**A dimensão missionária da Igreja no Vaticano II**

**1.** Em 7 de dezembro de 1965 os Padres Conciliares do Vaticano II promulgaram o Decreto sobre a Atividade Missionária da Igreja “Ad Gentes”. O Concílio sublinhava a vocação missionária da Igreja como parte integrante de sua essência. O Concílio teve uma peculiar atenção aos problemas humanos precisamente a partir da própria vocação católica para a missão. Ultimamente a atividade missionária da Igreja tanto “ad intra”, isto é, nos países de antiga cultura ocidental, como Ad Gentes (resto do mundo) produziram frutos escassos. Pôde-se constatar o alargamento da divisão entre a fé cristã e a vida das pessoas, entre a fé e a cultura. Em relação a missão “Ad Gentes” foram feitos notáveis esforços, principalmente, por parte das antigas Igrejas Particulares na Europa, mas nem sempre eram realizados com o apoio global de todas as outras Igrejas Particulares e com a devida inteligência.

**2.** Sentia-se a necessidade de colocar em uma mais profunda relação a missiologia com a eclesiologia. Necessitava-se também animar missionariamente toda a Igreja para recuperar em suas raízes o motivo do seu existir: a Missão. A Igreja surgia como o Povo messiânico que anunciava a todos os homens e a todos os povos os dons de Deus[[1]](#footnote-1). A proposta da Ad Gentes parte da posição eclesiológica exposta na *Lumen Gentium,* onde a missão se modela e parte do sinal do mesmo mistério trinitário. O decreto *Ad Gentes* recolhe tal postura e a coloca como ponto de partida no seu número 2: “A Igreja peregrinante é missionária pela sua própria natureza, já que procede da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai”[[2]](#footnote-2). Com Jesus Cristo, o Verbo Encarnando, este amor do Pai se coloca concretamente na história humana como seu centro e significado, como a força que move a complexa realidade do homem. Por isso Jesus Cristo é o centro da Missão, o seu sujeito e o seu objeto ao mesmo tempo: o “cardus” sob o qual gira a Missão[[3]](#footnote-3). Em outras palavras: o Verbo eterno de Deus e Jesus de Nazaré são inseparáveis, uma mesma Pessoa divina. O surgimento de Jesus de Nazaré não é um algo a mais que não esgotaria a automanifestação eterna de Deus, como sustentam alguns escritores, também católicos, tratando o tema da “salvação e as religiões não cristãs”. Para eles Jesus de Nazaré seria uma manifestação a mais do Logos eterno de Deus. Conjuntamente a isso se estaria em igualdade as outras religiões e seus fundadores. A única forma sólida de desarmar esta posição, que já o Concílio indica com toda sua postura, foi retomada por João Paulo II no seu Magistério, na Encíclica cristológica *Redemptor Hominis* e a *Redemptoris Missio,* como também em outros importantes documentos do Magistério eclesial como a *Dominus Iesus,* isto é, a predestinação dos homens em Cristo à salvação (cf. Ef 1,3-14; Col 1,15-20.26; Rm 8,28-30; Its 2,13-14; 1Cor 2,7), Magistério esse continuado em forma sempre mais insistente pelos dois Pontífices sucessivos: Bento XVI e agora pelo Papa Francisco, Deus gerou desde toda a eternidade seu Filho e, “por meio d’Ele todas as coisas foram criadas” (cf. Cl 1,16). A criação é a primeira fase na execução da Encarnação que culmina na livre missão de Jesus e na sua morte e ressurreição. O destino de todos os homens está no arquétipo Jesus glorioso à direita do Pai. Deus cria para que existam “filhos no Filho”. Além disso, sendo Cristo anterior a Adão, isto é, sendo Cristo o arquétipo do qual Adão é imagem, se compreende que toda a natureza humana só poderá encontrar a sua plenitude naquele que lhe serve de modelo. Assim se pode entender porque a Igreja (Corpo de Cristo mesmo e espalhada em todo o mundo) não pode abandonar a missão, para que todo o universo se torne Corpo de Cristo na *“anakefalaiosis”* do fim dos tempos, quando Jesus será definitivamente Senhor (*Kyrios*) de tudo e de todos. Por tudo isso Jesus Cristo é o único Salvador. “A realidade é Cristo (Cl 2,17). E se o mundo existisse à margem de Cristo, se Cristo fosse um projeto a mais do Pai como poderia ser qualquer outro fundador de religiões, a fé cristã na redenção de Cristo não teria nenhum sentido e a missão ainda menos. Toda a história do acontecimento cristão se perderia em algo sem sentido. O fato que o mundo exista por Cristo não nega, porém, que o mundo tenha sua autonomia, mas afirma que tudo, antes ou depois, se incorpora a Cristo em virtude da qual tudo foi feito, como afirma o “corpus paulinum”. Isto é o que vem sublinhado com força na *Redemptoris Missio* em seu primeiro capítulo.

**3.** A Igreja reconhece, acolhe, vive e anuncia este acontecimento de salvação[[4]](#footnote-4). Ela mesma confessa no tempo da história e no espaço do mundo o mesmo Mistério, prolongado, tangível e encontrável pelos homens (cf. 1Jo 1,1-4). Não é uma abstração. Por isto existem as concretizações das Igrejas particulares e locais: “A Igreja Particular chamada a representar no modo mais perfeito a Igreja Universal, deve ter plena consciência que foi enviada também àqueles que não creem em Cristo e que vivem próximo a ela no mesmo território, para servir-lhe de orientação em direção a Cristo mediante o testemunho de vida de cada um dos seus fiéis e de toda a comunidade”[[5]](#footnote-5). Em outras palavras, o Concílio enxerga a necessidade que cada Igreja Particular não se esqueça da sua vocação missionária e católica. Que cada uma, sem deixar de ser toda a Igreja, revele o mistério total da Igreja. Neste sentido também as *Normas* para uma melhor distribuição do clero no mundo promulgadas pela Congregação para o Clero de 25 de março de 1980 recordam aos bispos que: “a Igreja particular não pode se fechar sobre si mesma, mas deve se abrir às necessidades de todas as outras Igrejas...; diminuiria o seu impulso vital se, concentrando-se somente em seus próprios problemas, se fechasse diante das necessidades das outras Igrejas. Pelo contrário, recupera novo vigor todas as vezes que abre seus horizontes aos outros”[[6]](#footnote-6). Por isso recorda o documento: “A graça da renovação não pode crescer na comunidade, se não existe abertura aos espaços da caridade até os confins da terra, demonstrando em relação aos distantes a mesma solidariedade que existe para os próximos”. Esta dimensão missionária deverá caminhar progressivamente e laboriosamente nas Igrejas Particulares da América Latina, bastante atormentadas por problemas sociais e eclesiológicos e com tendência a se apegarem a esses grandes problemas, reduzindo também a missão a uma dimensão mais social que eclesiológica universal, mais *ad intra* que *ad extra* (*Ad Gentes*). Por isso mesmo, a dimensão missionária deve caminhar, sobretudo superando uma visão exclusivamente centrada sob os próprios problemas internos e abrindo-se a missão univrsal. Neste processo de crescente abertura terá um notável papel seja as Conferências Gerais do CELAM como os Congressos Missionários Latino-americanos. Assim o lema do seu Congresso Missionário (COMLA-IV), celebrado em Lima (fevereiro de 1991) será muito significativo: “América Latina, pela tua fé envia missionários”, não obstante a pobreza de sacerdotes e religiosos.

**A situação e a teologia da missão *Ad Gentes* depois do Concílio Vaticano II**

**4.** A *Missio Ad Gentes* na idade moderna teve características peculiares. Ela se inicia com o período chamado expansão da modernidade europeia onde a Igreja Católica se encontrava radicada e coincidente com a sociedade civil. Nos últimos séculos se delineia um processo de mudança cultural no Ocidente que condicionará a *Missio Ad Gentes* da Igreja. Diversos fatores favorecem a criação de instituições eclesiais para responder a essas novas situações. Assim nasce a Congregação “De Propaganda Fide” (“Para a evangelização dos Povos”), fruto de um imenso trabalho. Certamente a estrutura ocidental –latina da Igreja deu forma à missão católica e às Igrejas locais que nasceram dela nos continentes não europeus. Também em outros setores importantes como a relação com outras religiões, os direitos humanos, a promoção humana e cultural foram influenciados pelas ideias e debates que se destacaram no Ocidente. Muitas situações mudaram progressivamente com perturbações sociais e politicas contemporâneas. No campo eclesial o acontecimento do Concílio Vaticano II se tornou um ponto de chegada e partida, ao mesmo tempo, de um processo de renovação eclesial que tocou precisamente a atividade missionária da Igreja.

**O Vaticano II e a mudança paradigmática na teologia e práxis da missão**

**5.** Dentre os pontos de renovação que envolvem a vida da Igreja é necessário recordar alguns de grande importância sobre a vida missionária. Primeiramente, a Igreja é compreendida como sacramento de salvação e de unidade para toda a humanidade. Muitas vezes a missão era concebida em termos absolutos de expansão religiosa. Isto implicava certo fechamento para a possibilidade de estimar os “*semina Verbi*” existentes nas religiões não cristãs, mas também para o confronto, muito hostil e tenso entre as diversas confissões cristãs. A partir do Vaticano II se inicia um processo de descoberta dos chamados “*semina Verbi*” e uma atitude de diálogo positivo em relação às outras religiões. Certamente este processo não foi pacífico, graves ambiguidades em alguns casos e debates teológicos ainda acontecem. Referimo-nos concretamente a necessidade de uma maior clareza de temáticas que foram enfrentadas pelos documentos do magistério como a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* e a Encíclica *Redemptor Hominis, Redemptoris Missio* e outros documentos recentes do Magistério que se referem aos temas de cristologia, soteriologia, diálogo ecumênico, diálogo inter-religioso, a inculturação, a promoção humana, a justiça e a paz, a libertação, a ecologia e outros. O debate teológico em relação ao tema missionário, o da salvação, da unidade ou singularidade de Cristo, o papel salvífico das religiões são especialmente vivos. Alguns teólogos, pretendendo alicerçar em uma interpretação do Vaticano II formularam uma teologia do pluralismo religioso como algo querido por Deus e da qual surgiria um pluralismo religioso tanto no seu conteúdo quanto na sua mediação. Juntamente com o pluralismo religioso e soteriológico, alguns tentaram redefinir o conceito mesmo de salvação, considerando-a como antropocêntrica. Esta concepção pode ser chamada de soteriologia horizontal. Para eles a libertação, a promoção humana ou bem-estar humano são expressões dos fins soteriológicos últimos. Nesta situação, a reabilitação dos pobres, dos oprimidos e marginalizados passa a ter caráter prioritário na missão da Igreja e na evangelização. Em muitos casos se adverte uma tendência sutil em reduzir a soteriologia cristã a uma soteriologia horizontal do bem-estar humano como salvação. Neste aspecto se percebe o influxo da mentalidade filosófica que permeou a cultural ocidental a partir, sobretudo do séc. XVI até os dias de hoje. Por isto se verifica o silêncio acerca do problema do pecado, da necessidade de reconciliação com Deus e com o próximo, de Jesus Cristo como único Mediador, da Graça, dos sacramentos, etc...

**Pressupostos filosóficos nascidos de algumas posições modernas que levam à negação de toda verdade objetiva e, por conseguinte, a relativização da fé e da missão teológica.**

**6.** A teologia contemporânea da missão pressupõe uma aceitação crítica dos princípios e posições filosóficas pós-modernas. A validade de qualquer tipo de verdade religiosa e moral depende da sua eficácia e do fato que se possa verificar. As religiões são o resultado da experiência religiosa, que se exprime em maneira diversa nas várias culturas. Neste sentido a religião é sempre um fato cultural e muitas vezes também étnico ou vinculado a uma determinada cultura étnica. Desta forma, os princípios do pluralismo religioso se ligam ao pós-modernismo. Por conseguinte, a verdade não tem uma própria consistência ontológica, mas pode variar ou ser percebida em diversos ângulos da parte do sujeito (relativismo teológico). As verdades, e em particular as religiosas ou morais, são determinadas pela história, e não ao contrário. Dado que a verdade, e os valores universais e permanentes são relativos, não é possível uma revelação e uma salvação universalmente vinculante. É evidente que o relativismo filosófico da verdade leva ao relativismo religioso e, consequentemente, ao relativismo na fé.

**Fundamentos teológicos da *missio Ad Gentes***

**7.** Limitamo-nos a assinalar sumariamente alguns aspectos relevantes em uma reflexão teológica sobre missão: Antes de tudo em nossos dias o Magistério nos ofereceu um instrumento de reflexão teológica que quis responder às questões e posições deduzidas das posturas filosóficas acima acenadas. Refiro-me a *Fides et Ratio.* Deus é conhecível pelo intelecto humano e pode se revelar ao homem por meio de sua salvação. Isto corresponde ao coração do homem, à sua exigência primária, constitutiva, fundamental, ao “seu senso religioso”. Um fenômeno que encontramos na história da humanidade é o religioso, a criatividade religiosa e a formação das religiões na história. Diante do enigma último, o homem procurou imaginar, definir tal mistério em relação a si mesmo, de conceber, portanto, um modo de relação com essa experiência. Em todos os tempos o homem procurou imaginar a relação que intercorria entre o ponto efêmero da sua existência e o significado completo disso. É a criatividade religiosa do homem. A religião é um conjunto expressivo (conceitual-doutrinal, prático-moral e ritual-litúrgico) deste esforço imaginativo racional. Essa depende da tradição, do ambiente, do momento histórico, como também de cada singular temperamento pessoal. Nas diversas religiões se verifica uma diversidade de atitudes em relação a divindade: da relação de troca (*do ut des*) a uma relação de confiança e gratidão (*do quia dedisti*). Como avaliar a “melhor” religião? Não se concebe conhecer todas e nem mesmo decidir quais sejam as mais importantes nem mesmo uma miscelânea. A solução mais correta é levar a sério a religião da própria tradição; sucessivamente um poderá mudar deparando-se com uma melhor solução.

**8.** Toda religião é permeada pela exigência da revelação. Antes de tudo através de lugares sagrados, símbolos, mitos que vão ao encontro desta exigência. Em segundo lugar através da mediação de outros homens. Em terceiro lugar através do fenômeno das experiências e tentativas de uniões com o divino operadas por meios diversos. Enfim através da certeza de tantos fundadores como portadores de uma revelação essencial de Deus. Anômala surge neste contexto a certeza reveladora da fé de Israel. A fé de Israel estava sempre em relação com um acontecimento, com uma auto-manifestação divina na história; e é conduzível pela vicissitude de todo um povo. Esta exigência e questionamento do homem não permaneceu sem resposta. “O Mistério escolheu entrar na história do homem com uma história idêntica aquela de qualquer homem: entrou de forma imperceptível, sem que ninguém pudesse observar e registrar. Num dado momento se coloca para quem o encontrou, este se torna o grande instante de sua vida e de toda a história”[[7]](#footnote-7). É o mistério da encarnação de Jesus Cristo no seio da Virgem Maria; é o mistério de seu método no revelar-se aos primeiros que o encontraram e o seguiram ao longo da história humana.

**9.** O mistério de Jesus Cristo é a resposta feita ao “sentido religioso do homem”, é a resposta às perguntas fundamentais e aos problemas que instigam como o são sobre o mal e o pecado. O homem tem necessidade da redenção radical do pecado, da alienação, do mistério da morte e da sobrevivência depois da morte. Jesus Cristo é a resposta ao problema do pecado, do mal e da morte. É uma resposta universal, oferecida a todos. Todos são convidados a aceitá-la e a partilhá-la. Tal é a razoável pretensão cristã. Encontramo-nos diante de uma inimaginável pretensão: a de uma religião que diz “eu sou «A» Religião, a única estrada”. É possível surgir uma instintiva repugnância diante desta “presunção”, porém, seria injusto não questionar o motivo desta grande pretensão. No cristianismo, portanto, o enigma se apresenta como um *fato* na trajetória humana. A única coisa razoável a fazer é questionar-se: aconteceu ou não? Se realmente aconteceu esta estrada seria definitivamente a única e a mais capaz de valorizar o positivo encontrável em todas as outras. Acontece uma radical mudança do método religioso: não mais a tentativa do homem de estabelecer uma relação com o Mistério, mas um face a face com o presente, a experiência de um encontro, a simplicidade de um reconhecimento, a obediência a um fato. Os cristãos estão conscientes que outras religiões oferecem interpretações semelhantes ou diferentes da vida e sobre o problema do mal. Os cristãos devem respeitar tais ofertas de libertação humana, porém, sem renunciar a fé fundamental em Jesus Cristo como único Salvador de todos. Portanto, Jesus Cristo é a resposta total para a condição humana, para a situação de pecado e o desejo de plenitude de vida que cada pessoa inerente no próprio coração como pergunta fundamental. É o chamado “senso religioso” da pessoa, que é o desejo de plenitude, de felicidade e eternidade.

**10.** Não é necessário, porém, confundir “senso religioso” e “fé” cristã[[8]](#footnote-8).O “senso religioso” identifica o caráter último da experiência existencial, “os fatos últimos que constroem a vida do homem, isto é, inextirpável desejo de uma irredutível exigência que todo homem acolhe inesperadamente como constitutivo do próprio ser...Tais fatores possuem a grandeza da relação com o infinito... O senso religioso não é nada mais que a questão da totalidade constitutiva da nossa razão presente em toda a ação enquanto cada ação do homem é provocada por uma necessidade. É deste modo a razão como consciência da realidade total. “Toda religiosidade nasce da exigência de significado total, manifestando-se como intuição vivida pelo Mistério, enquanto incomensurável resposta a tal exigência”. Tal aspecto porém, não é para confundir com a fé cristã. Alguns entendem a “fé” como um aspecto da religiosidade; como um “tipo de sentimento na qual vive a irrequieta procura da própria origem e do próprio destino, que é por conseguinte o elemento mais sugestivo de cada “religião”[[9]](#footnote-9). A fé cristã é bem diferente: a nossa razão se abre ao Mistério. A fé cristã é dom recebido gratuitamente do Mistério divino que se comunica ao homem; enquanto a religiosidade nasce da exigência de significado suscitada pelo impacto com a realidade. A fé é reconhecer uma presença excepcional, correspondente em modo total ao próprio destino, e significa aderir a esta Presença. É a memória de um fato histórico, um fato que alcança e toca cada pessoa chamada a acolher, a aderir concretamente: é o Mistério da Encarnação de Deus no seu filho Jesus Cristo. Os cristãos estão conscientes que a presença Encarnada do Mistério na história é um fato, um acontecimento. Não se trata mais de uma hipótese. O anúncio cristão diz “sim, aconteceu”. A pergunta, portanto, muda: “Quem é Jesus Cristo?” E isso leva consequentemente a tomar posição pessoal diante de Cristo, como aconteceu com os apóstolos, onde se percebe com clareza a razão na qual um homem pode crer em Cristo: a profunda correspondência humana e razoável das suas exigências com o surgimento do homem Jesus de Nazaré. É profundamente razoável unir-se a Cristo “e portanto se é conduzido pela experiência do encontro com a humanidade à grande pergunta sobre a sua divindade. Não é o raciocínio abstrato que faz crescer, que alarga a mente, mas o encontrar na humanidade um momento de verdade alcançada e dita. É a grande inversão do método que assinala a passagem do senso religioso para a fé: não é mais uma buscar pleno de incógnitas, mas a surpresa de um fato surgido na história dos homens”[[10]](#footnote-10). Como afirmava Kierkegaard no seu *Diário*: “A forma mais baixa do escândalo, humanamente falando é deixar sem solução todo o problema em relação a Cristo [...] Que o cristianismo te foi anunciado significa que tu deves tomar posição diante de Cristo. Ele, ou o fato que Ele existe, ou o fato que tenha existido é a decisão de toda a existência”. É, portanto, a experiência de uma presença e de um encontro singular. O tema da singularidade de Cristo e, pois, da exigência intrínseca do anúncio cristão penetram as próprias raízes precisamente aqui. Tal é o evangelho cristão e, portanto, o sentido da Missão como anúncio de salvação, como testemunho de uma presença salvífica, como totalidade de resposta a questão fundamental do homem. Entramos deste modo, no problema da Missão como lugar, conteúdo e método.

**Missão e eclesiologia de comunhão**

**11.** A eclesiologia de comunhão é uma eclesiologia de *koinonia* ou fraternidade. Acrescentaria, o Santo Padre Francisco, também de ternura. Que os outros reconheçam que os cristãos são discípulos de Jesus Cristo e que se desperte nos outros crentes o desejo de ser como os cristãos. Mas o que significa missão como fruto de comunhão? A missão nasce do desejo de comunhão enquanto que a estrutura fundamental do homem é em si mesma comunhão. Em primeiro lugar a missão é iniciativa do Pai que chama a todos para a comunhão com Ele no seu Filho Jesus Cristo, com a força e o vínculo do Espírito Santo. A Igreja nasceu como comunhão e a própria palavra *ekklesia* exprime, no seu significado etimológico ou de conteúdo, tal chamada à comunhão entre pessoas livres, no nosso caso com a liberdade levada por meio de Cristo que nos torna através do batismo “pedras vivas para a construção de um edifício espiritual, um sacerdócio santo, para oferecer sacrifícios espirituais agradáveis a Deus, por meio de Jesus Cristo” (1Pd 2,5). A Igreja nasceu como um gesto de ternura de Deus para com a humanidade dividida e fragmentada. Neste sentido, somos, portanto, “estirpe eleita, sacerdócio régio, nação santa, povo adquirido, para proclamar as grandezas d’Aquele que vos chamou das trevas para Sua maravilhosa luz, vós que outrora não éreis povo de Deus, mas que o sois agora, vós que antes não tínheis recebido a misericórdia e agora a recebestes” (1Pd 2,9-10; Ef 1,14; 2,11-22; Rm 3,24-27; Cl 1,12-13; At 26,18).

**12.** Infelizmente na história do cristianismo encontramos com frequência fatos que contradizem esta estrutura fundamental da pessoa chamada à comunhão e a Igreja como realidade de comunhão e de ternura. Muitas igrejas locais se encontram divididas devido a rivalidade, fatores políticos, divisões étnicas. Estes fatos dolorosos são um contra testemunho para a missão redentora de Jesus Cristo. Com frequência, o homem pós-moderno enxerga a face de Jesus Cristo, porém desfigurado em algumas situações encontradas nas igrejas locais. Estas divisões são assaz danosas para a missão da Igreja. A eclesiologia de comunhão permanece reduzida com frequência a documentos. O conjunto atual das estruturas, o exercício de autoridade, o diálogo entre estas mesmas Igrejas locais não exprimem suficientemente a eclesiologia de comunhão e, portanto, debilitam a *missio Ad Gentes.* Um certo tipo de eclesiologia vigente em muitos âmbitos da Igreja precisa de uma mudança para se tornar uma eclesiologia de comunhão em todos os níveis, como o Papa Francisco procura nos inspirar com a sua Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A *missio Ad Gentes* dentro da própria Igreja local e a *missio Ad Gentes*  fora nem sempre constituem uma prioridade para muitos responsáveis da Igreja. Não raramente os mesmos organismos dedicados a promoção da missão não são entusiastas da *missio Ad Gentes.* Para estes também se adverte a tendência a uma missiologia parcial e fora de foco, reduzindo a *missão* a um só dos seus aspectos, e muitas vezes também parcial como : o *diálogo inter-religioso* sem a proclamação do fato cristão, o *diálogo ecumênico,* a *promoção dos valores comuns,* o trabalho na *promoção social,* o *empenho e compromisso*  na política e na libertação sócio-política, o trabalho pela *justiça*  e *a paz,* a ecologia, etc... O uso missionário da Palavra de Deus é proverbialmente pobre na Igreja Católica. Na formação teológica, a formação doutrinal é aspecto prioritário, mas a familiaridade com a Palavra de Deus, o conhecimento dos Padres e da grande Tradição da Igreja é reduzida aos mínimos termos. Em alguns países assistimos também o fato da fácil atração de alguns católicos por igrejas evangélicas ou por seitas aparentemente cristãs. A experiência de fraternidade em algumas comunidades da Igreja católica e a missão do cristão leigo não atraem outros. Em alguns países da América Latina, também no Brasil, o número de cristãos evangélicos cresceu com uma força notável nos últimos anos superando em alguns lugares os católicos[[11]](#footnote-11). As Igrejas evangélicas não possuem a preocupação da Igreja Católica de examinar com atenção o conceito de missão e defini-la. Encontram-se fora do Conselho Mundial das Igrejas divididos no que se refere o conceito de *missio Ad Gentes,* do mesmo modo que muitos teólogos na Igreja católica.

**Formação para a missão**

**13.** Ainda que existam numerosos documentos sobre formação teológica, o ensinamento da teologia é pouco orientado para a missão. Muitos seminários e centros de formação teológica católica não oferecem um curso sobre a teologia da missão. Grande parte da formação parece ser orientada para a profissão ministerial. Existe pouco interesse para a *Missio ad intra,* e muito menos ainda para a *missio ad extra.* Muitos candidatos ao sacerdócio, com seu estilo de vida e preocupações, demonstram que não se encontram na missão *Ad Gentes,* deixando de lado o Evangelho como experimentava Paulo: “Pois se eu prego o Evangelho, isso não constitui para mim um título de glória; é uma exigência que me está imposta: ai de mim, efetivamente, se não prego o Evangelho!” (1Cor 9,16). Temos necessidade de uma visão clara da missão de Deus no mundo, do lugar de diálogo, da inculturação, do desenvolvimento humano, da promoção dos “valores do Reino”, dentro de uma clara teologia cristológica e soteriológica. Todos os aspectos acenados não exaurem a realidade da missão de Deus ao mundo em Jesus Cristo. O arrependimento, o perdão dos pecados e a reconciliação com Deus e com o próximo se cumprem em Jesus Cristo. Sem esta característica a Igreja seria como qualquer uma organização humana. Jesus Cristo é a paz do homem, a redenção, a reconciliação e a sabedoria de salvação. Para os cristãos, o caminho para o “Reino”, o caminho para o homem, passa sempre e somente através de Jesus Cristo. Qualquer outro caminho não é caminho. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida (Jo 14,6). As outras estradas terminam em vielas sem saída.

**A missão em um mundo multi-religioso e multicultural**

**14.** O diálogo é hoje uma parte integrante da *missio Ad Gentes.* O diálogo e as relações sociais não exaurem a *missio ad Gentes. O diálogo inter-religioso* não é possível onde não acontece o diálogo *intra-religioso.* Os problemas atuais em *inculturar* o Evangelho na liturgia, na legislação canônica, no uso dos recursos espirituais demonstram a necessidade urgente de atenção a estas questões. A história da missão *“Ad Gentes”* demonstra muitas vezes as consequências negativas de tal desatenção. O fato mesmo que frequentemente na história existiram duras vertentes e em sequencia arrependimentos de decisões importantes para a evangelização (basta recordar a dramática história da controvérsia sobre *Ritos chineses e malabareses)*[[12]](#footnote-12)*.*

**15.** Também no mundo atual da pós-modernidade existem situações de difícil confronto ou de clara ambiguidade; este mundo resulta frequentemente impermeável à fé cristã, pois rejeita as experiências transcendentes. Depois também existe o mundo tecnocrático, que pretende resolver os problemas por meio da tecnologia. O mundo da política se propõe organizar o mundo baseando-se em ideologias políticas muito longínquas da experiência cristã. Existe também um modo onde algumas correntes são difundidas, onde a religião é reduzida a um puro espiritualismo desencarnado. Enfim, é preciso falar do mundo da *New Age,*  que afirma oferecer bem-estar físico e psicológico ao homem contemporâneo; todas estas concepções são formas de neognose[[13]](#footnote-13). Também é complexa a estrada para entrar nos novos areópagos sociais e culturais criados pela cultura contemporânea, também é evidente que a formação para a missão exigem novos estilos de formação. Em cada zona cultural a missão deve imaginar os próprios métodos para se fazer presente e entrar em cada específico ambiente social e religioso. Em primeiro lugar se requer uma consciência profunda do que está por detrás e sob o atual fenômeno cultural. Em segundo lugar, é necessário criar uma nova linguagem de comunicação e de missão perceptível para este mundo cultural[[14]](#footnote-14).

**Perspectivas a partir destas observações**

**16.** Aconteceu uma mudança paradigmática no mundo e na Igreja. A cultura se tornou um elemento decisivo par a missão do futuro. Ao mesmo tempo, também a promoção humana, o diálogo e o serviço são elementos importantes para a *missio Ad Gentes.* São aspectos que a missão de fato deve ter presente. Sem jamais esquecer que a missão não tem sentido sem Jesus Cristo e sem a Igreja, seu corpo visível no espaço e no tempo da história. É necessário conciliar o pluralismo das culturas e das expressões de fé com a unidade da fé. Este é o trabalho da *inculturação* da mensagem evangélica. Para alcançar este objetivo, temos necessidade de pessoas com experiência multicultural nos diversos níveis da Igreja. Isto requer também uma adequada formação bíblica, patrística, na tradição histórica da Igreja e teológica, que não se pode reduzir a uma simples informação doutrinal. Exige sempre mais conhecer muito bem a complexa situação pluricultural do mundo atual. Um aspecto metodológico fundamental na ação missionária da Igreja é a importância de dar ao mistério da Igreja como comunhão e ao sentido claro da pertença dos cristãos a Cristo, como Cabeça operante e viva dela mesma[[15]](#footnote-15).

**17.** Estas breves noções nos faz enxergar ao vivo e em ação o princípio de subsidiariedade, hoje bastante percebido no campo social e político contra toda tentação de ***nacionalismo.*** Na vida da Igreja aquela realidade sempre foi conatural como estrutura fundante em ação, desde o início. A aplicação do princípio exprime a mesma natureza da Igreja como um fato que tem sua origem na ação do Espírito Santo desde Pentecostes. Tal subsidiariedade possui expressões concretas também nos temas eclesiais de caráter administrativo e pastoral, sempre com referência contínua e convincente ao lugar de base e comunhão que é a Sé de Pedro, “que ‘preside a comunhão’, como recordam várias testemunhas a partir do século II, com todas as suas prerrogativas e com uma responsabilidade diante da Igreja. Além disso, a garantia de pertença a Igreja se verifica na unidade do episcopado onde se coloca o fundamento da sucessão apostólica”[[16]](#footnote-16). Subsidiariedade não quer dizer criação de várias igrejas autocéfalas, mas uma sinfonia harmônica, seguindo a imagem cara aos Padres: a comunidade é vista como um coro de cantores que cantam em uníssono (Inácio de Antioquia), que imita a harmonia do universo ou do corpo humano (Clemente Romano), é semelhante a uma torre cuja pedra angular é Cristo (Pastor de Hermas). A comunidade da Igreja recebe a sua solidez da presença de Cristo, que considera o maior pecado atentar contra a unidade da Igreja e sua harmonia (heréticos e cismáticos)... Para os Padres a Igreja é o templo de Deus, a Sua habitação. O que mantém a unidade de tal habitação, o lugar de sua coexistência, é a própria Eucaristia; o ministério dos bispos e diáconos tem como fim ajudar a construção da comunhão eclesial. Isso é de per si anúncio missionário[[17]](#footnote-17). Na Igreja primitiva, portanto, se nota uma insistência sobre a harmonia eclesial e, para usar as palavras do Vaticano II a propósito dos presbíteros, aos pastores vem continuamente solicitada a capacidade de discernimento, para verificar na vida da Igreja “se os espíritos são de Deus” e para “descobrir com senso de fé, reconhecer com alegria, e fomentar com diligência os vários carismas dos leigos, dos mais humildes os mais elevados” (*Presbyterorum Ordinis, 9* )”[[18]](#footnote-18). Por isso é necessária uma abertura para colher e escutar as vozes proféticas na vida da Igreja. Esta atenção às modalidades contínuas do falar do Espírito Santo na Igreja faz parte da tradição; neste aspecto se distinguiram os grandes Papas que sempre colheram as vozes dos santos em momentos muito complexos e aflitivos, e acolheram como sinais oportunos do cuidado amoroso de Cristo por sua Igreja.

**18.** Não se pode comparar a Igreja a nenhum sistema político no sentido moderno do termo. É um mistério de comunhão, cuja cabeça é Cristo mesmo e onde Pedro e os outros Apóstolos e seus sucessores possuem o mandado recebido de cristo “apascentar o rebanho de Deus que vos é confiado, cuidando não por força mas boa vontade segundo Deus, não por vil interesse, mas de bom ânimo.; não como dominadores daqueles que vos foram confiados, mas antes, como modelos do rebanho. Assim, quando aparecer o pastor supremo, recebereis a coroa imperecível da glória” (1Pd 5,2-4). Em uma comunidade todos devem ser escutados. Esta atitude de escuta era bastante forte na Igreja primitiva. No terceiro milênio se deveria recuperar esta dimensão. Neste sentido a Igreja é chamada a se tornar sempre mais uma Igreja em movimento, pois “mesmo atravessando todas as dificuldades do tempo, a Igreja assume sempre mais a fisionomia de um movimento; sem fronteiras nem na caridade, nem no espaço, nem no tempo (cf. *Didachè)”.*[[19]](#footnote-19)“De qualquer modo, o acontecimento fundamental, o contínuo ponto de referência, está a fé na ressurreição de Cristo (cf. 1Cor 15), experimentada como um fato concreto: a presença de cristo vivo no acontecimento misterioso da Sua Igreja. Quem acolhe a fé cristã, o “Evangelho”, sabe que nele está a raiz de tudo, o testemunho que se deve oferecer e, se necessário, com o próprio sangue”.[[20]](#footnote-20) Os responsáveis pela Igreja têm hoje, como sempre, a missão de “zelar pelo depósito” da fé, como recordava Paulo a Timóteo (Cf. 1Tm 6,20; também: 6,11-16, 2Tm 1,12 e 14). Infelizmente se insinuam continuamente na vida da Igreja tendências relativistas que se referem a missão. É papel dos bispos serem vigilantes, no sentido do termo original da palavra bispo. Esta missão muitas vezes é incômoda e impopular, talzez hoje, como em outros tempos atormentados da história da Igreja, como é o caso da controvérsia ariana, a missão dos bispos tem este peso e a necessidade deste testemunho em muitos casos de martírio incruento. A sua primeira tarefa é verificar o ensinamento teológico da cristologia e soteriologia que são ensinadas de forma ambígua e relativista nos centros de formação.

**19.** Já o beato João Paulo II na Carta Apostólica *Novo Millenio Ineunte* nos reconduzia introduzindo-nos no II milênio, como no início de seu Pontificado, ao ponto focal de tudo: Cristo *Redemptor hominis*, oferecendo-nos os critérios para enfrentar no nosso caso os problemas de fundo na missão:

1. A necessidade e o senso do encontro com Jesus Cristo,
2. A contemplação do rosto de Cristo,
3. A necessidade de partir novamente de Jesus Cristo,
4. A importância do testemunho do amor de Jesus Cristo

Tal é o marco da reflexão teológica e da proposta cristã sobre a Missão. Muitas vezes tratando o problema da Missão se distinguem como níveis ou extratos diversos e desconexos: 1) antropológico; 2) sociológico, cultural e político; 3) soteriológico e religioso; 4) cristológico; 5) eclesiológico. Em cada um deles se pode tratar e distinguir como coisas autônomas e diversas, mais como fragmentos estanques, muitas vezes contrapostos e dicotômicos. O resultado é um despedaçar da missão e até mesmo uma visão “esquizofrênica” dela mesma. Se cada nível, especialmente os primeiros, é completo e autônomo, para que serve a Cristo, a Igreja? Seria de fato uniões supérfluas. Sem Cristo não existe a realidade, nada existe! Ele é o Centro[[21]](#footnote-21). É a consistência de tudo (cf. Cl 1,17. Ele é o *Acontecimento*[[22]](#footnote-22)*, isto é:* indica a “coincidência” entre realidade e Mistério, entre experiência comum e Mistério; como afirma S. Paulo aos Colossenses falando da falsa ascese segundo os elementos do mundo: “todas essas coisas são sombras das futuras, a realidade ao invés é Cristo!” (Cl 2,17).

1. A centralidade de Cristo é o ponto de partida da missão da Igreja (e portanto a identidade formativa de cada cristão). *“É Ele de fato que anunciamos, admoestando e instruindo cada homem com toda sabedoria, para tornar cada um perfeito em Cristo”* (Cl 1,28).
2. A dimensão missionária da Igreja é essencial e não funcional para o cristão. “*Cristo, luz dos povos”* instituiu a Igreja como sacramento de salvação: assim inicia a Constituição dogmática fundamental do Vaticano II, “*Lumen gentium cum Christo sit”[[23]](#footnote-23).* Por isso Cristo prometeu aos apóstolos “de permanecer com eles até o fim dos tempos” (cf. Mt 28,20). Aqui estão unidas indissoluvelmente as características essenciais do ministério apostólico: pneumatológico-carismático e hierárquico-sacramental. Aqui se enraíza também a dimensão missionária fundamental de cada batizado. Assim compreenderam os cristãos dos primeiros séculos: “A conversão do mundo antigo ao cristianismo não foi o resultado de uma atividade planificada, mas o fruto pela prova da fé no mundo como se apresentava visível na vida dos cristãos e na comunidade da Igreja. O convite real da experiência para a experiência e nada mais foi, humanamente falando, a força missionária da Igreja antiga. A comunidade de vida da Igreja convidava a participação desta vida, na qual se revelava a verdade de onde surgia esta vida. Vice-versa a apostasia da idade moderna se baseia sobre a dificuldade em verificar a fé na vida dos cristãos. Nisto se demonstra a grande responsabilidade dos cristãos hoje...”[[24]](#footnote-24).
3. A dimensão missionária, essencial na Igreja, por vezes se encontra como que apagada ou paralisada por diversos motivos, que pode ser atribuído a uma decadência da vida cristã e do sentido de pertença a Cristo e à sua Igreja. Da parte de alguns se gostaria de apresentar o “diálogo” como sistema permanente, como se Cristo não fosse mais necessário de ser anunciado. Não que se deva negar o diálogo inter-religioso como compreende o Vaticano II e os documentos sucessivos sobre esse tema. Mas alguns o compreendem de maneira assaz diversa, isto é, para eles o cristianismo seria uma tradição religiosa e como tal deveria permanecer. Evita-se a palavra “*singularidade”*  de Jesus Cristo como Verdade. Assim Cristo permanece somente como um gênio religioso, um dos caminhos salvíficos, não o *Caminho.*  Pelo contrário, Cristo é a auto-revelação de Deus (cf. Jo 14,8-11). O “Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Desta forma a centralidade da cristologia investe toda a formação cristã e também a missionária. Devemos sair das nossas “tradições” para chegar a Verdade plena. Este é também o sentido de toda *inculturação* que acontece por si mesma na medida em que se acolhe a *singularidade* de Cristo na própria vida. Para concluir, gostaria de fazer notar que as aplicações de caráter metodológico utilizadas na missão derivam precisamente desta *singularidade e centralidade* de Jesus Cristo e do sentido da sua Igreja.
1. Cf. Ad Gentes, 1. [↑](#footnote-ref-1)
2. *Ad Gentes,* 2. [↑](#footnote-ref-2)
3. Cf. João Paulo II, *Redemptoris Missio,* Cap. 1. [↑](#footnote-ref-3)
4. Ibidem, cap. 1, nn. 9,10,11. [↑](#footnote-ref-4)
5. *Ad Gentes, 20.* [↑](#footnote-ref-5)
6. O documento recorda os dados estatísticos de agora: Na Ásia existiam 2 sacerdotis para cada 100.000 habitantes, 4 na África, 13 na América Latina e na Oceania, 29 na América do Norte e 37 na Europa. Estas estatísticas são já superadas. [↑](#footnote-ref-6)
7. Cf. L. Giussani, *Alle origini della pretesa Cristiana,* Jaca Book, 1988 – Rizzoli, Milano 2001, p. 51: trad. Espanhola: *Los Orígenes de La pretensión Cristiana,* Encuentro, Matrid 1989. [↑](#footnote-ref-7)
8. L. Giussani – S. Alberto – J. Prades, *Generare tracce nella storia Del mondo,* Rizzoli, Milano 1998, pp. 21-22. [↑](#footnote-ref-8)
9. *Ibidem,* p. 22. [↑](#footnote-ref-9)
10. L. Giussani, *Alle origini della pretesa Cristiana,* Rizzoli Milano 2011, pp. VI e 35. [↑](#footnote-ref-10)
11. O conhecido estudioso anglicano David Barret mostrou através de seus estudos este crescimento numérico das Igrejas evangélicas nos últimos anos a ponto de nos últimos cinquenta anos atingirem certa de 500 milhões de membros. [↑](#footnote-ref-11)
12. Às vezes, as decisõescom graves consequências são tomadas a partir de vários condicionamentos que certamente ignoravam todos os fatores referentes às questões teológicas em jogo e circunstâncias reais da missão concreta nas quais se tomavam aquelas decisões. Sabe-se a importância da experiência e do conhecimento das culturas, situações e tradições de cada povo à luz desses aspectos. Em certos períodos da história da Igreja inundaram decisões e acordos entre missão eclesial e poder político, movidos também por motivações estranhas ao verdadeiro senso de Igreja. Isto certamente não ajudou a vida da missão já que não era o estilo do Evangelho. Certamente o Mistério usa e passa através do humano no seu atuar na história mas isso não tira a obrigação de quem tem a responsabilidade apostólica da missão em cuidar de cada aspecto da missão segundo os critérios do Evangelho. [↑](#footnote-ref-12)
13. O fenômeno se alarga no mundo moderno:. Cf *Gnosis,* in *Communio,* 19, novembro-dezembro 1997), Madrid; J. RATZINGER, *Ser cristão na era neopagã,* (trad.) Ed. Encuentro, Madrid 1995; ERIC VOEGELIN, *Il mito del mondo nuovo.* Introduzione di Francesco Alberini, Rusconi, Milano 1990; em alemão: *Ersatz Religion* (Viena 1960); *Wissenschaft Politik na Gnosis* (Mûnchen 1959); em inglês: *Scienze, Politics na Gnosticism* (Chicago 1968); tradução italiana: *I movimenti gnostici di massa del nostro tempo; Scienza, política e gnosticismo.* [↑](#footnote-ref-13)
14. Necessário surgir novos métodos e estruturas para a *missio Ad Gentes* atuais. Os missionários são chamados a serem testemunhas viventes da Pessoa de Cristo e do seu Evangelho, com uma humanidade atraente onde emergem valores transcendentes e universais que emanam continuamente do encontro com Cristo através do encontro com aqueles que o seguem. Quando aquilo que é universal se torna particular enquanto testemunho, caridade e serviço, pelo menos alguns se abrirão ao encontro com Cristo se encontrando com pessoas concretas que O seguem e cuja humanidade é atraente e transformada a partir do encontro com Ele, assim como aconteceu no Evangelho com os primeiros discípulos (cf. Jo 1,35-51) e com os primeiros cristãos (cf. At 3,42-48; 4,32-35). [↑](#footnote-ref-14)
15. “A *ekklesia* dos primeiros cristãos resulta, desde o início, organizada hierarquicamente e segundo uma hierarquia que recebe a própria investidura do Espírito Santo para a edificação da comunidade, dentro dela se destacam as figuras dos doze apóstolos como fundamento. A função fundamental da hierarquia será como recorda sempre Pedro, aquela de dar testemunho de Jesus Cristo morto e ressuscitado e chamar a todos a entrar na comunhão cristã. Estes guiarão a vida da comunidade e utilizarão todos os meios para tal propósito, em atenta escuta ao Espírito Santo. Cristo mesmo lhes confirma continuamente em tal missão com os sinais e milagres que opera através deles (cf. At 2,43; 5,12). Estes guiam a atividade missionária da Igreja sob a guia de Pedro... que cumpre a missão confiada a ele por Cristo: confirmar os seus irmãos e apascentar o seu rebanho (cf. Mt 16,18-19; Jo 21,15-19) [F. Gonzalez Fernández, *I movimenti...,* p. 35; Ed. Encuentro, p. 26]. [↑](#footnote-ref-15)
16. *Ibidem, p. 42;* Ed. Encuentro, p. 31. [↑](#footnote-ref-16)
17. Cf. J. Ratzinger, *A eucaristia como genesis da missão, in* Communio, 19, nov-dez (1997), pp. 495-513. [↑](#footnote-ref-17)
18. F. Gonzalez Fernández, *I movimenti...,* pp. 46-47; Ed. Encuentro, pp. 34-35. [↑](#footnote-ref-18)
19. *Ibidem,* p. 47; Ed. Encuentro, p. 35. [↑](#footnote-ref-19)
20. *Ibidem,* pp. 36-37; Ed. Encuentro, p. 27. [↑](#footnote-ref-20)
21. Cf J. Ratzinger, *Guardare Cristo, Esercizi di fede speranza e carità,* Ed. Jaca Book, Milano 1989; em alemão: *Auf Christus Schauen, Einûbung in Glaube, Hoffnung, Liebe.* [↑](#footnote-ref-21)
22. Cf. A. Scola, *Avvenimento e tradizione. Questioni di ecclesiologia,* Ed. Jaca Book, Milano 1987. [↑](#footnote-ref-22)
23. *Lumen Gentium*, 1,1. [↑](#footnote-ref-23)
24. J. Ratzinger, *Guardare Cristo...,* p. 31. [↑](#footnote-ref-24)